

“Estamos saindo da Idade Média e ingressando na Idade Mídia, em que cada um de nós é um agente formador de opinião, gerador de conhecimento, um agente da mídia.

Fim da Idade Média.

Bem-vinda, Idade Mídia!





O fim exato da Idade Média é um tema controverso. Não importa se as teorias indicam que teria encerrado em 1453, com a invasão da Constantinopla, ou veio influenciado pelo resfriamento da Europa ou ainda pela Peste Negra. Todos concordam que o seu fim aconteceu lá pelo século XV. Mas, e se eu te disser que, a partir de um olhar muito particular da história, a Idade Média só esteja acabando agora, exatamente neste século?

Calma que explicarei. A percepção individual sobre o que nos cerca é um fator importante na vida em sociedade. Muita embora haja tantas semelhanças em razão da nossa raça, gênero, nacionalidade, somos únicos em essência, cada um com sua composição biológica e experiências singulares. No entanto, apesar de valorizarmos essas diferenças ao longo dos séculos, nos construímos socialmente como massa homogênea de pessoas, em busca de um padrão mediano para nos enquadrarmos.

Mas por que isso? Alguns fatores definem esse comportamento, como o medo do desconhecido e das diferenças. Claro que esse tema precisa de um estudo mais específico, por se tratar da área do comportamento. Porém, encarando essa questão de forma objetiva, é como se o fato de termos semelhanças autorizasse a ideia de que não importa as especificidades, todos seriam iguais. Porém, obviamente, esse fator não pode orientar a complexidade da construção da vida de indivíduos distintos.

O fim de qualquer era traz consigo transformações significativas, que impacta nas relações humanas e nos costumes sociais. Estávamos falando sobre tudo voltar-se para a ideia de unicidade e padronização dos seres humanos, sobre a busca de análises a partir de um perfil mediado da população. Mas chegamos a um momento peculiar,

em que estamos mudando esse formato. E essa nova concepção ganha o suporte da tecnologia, da ciência e do big data.

Os avanços tecnológicos trouxeram uma priorização das diferenças, estimulando a meritocracia e a valorização do indivíduo como ser único. Chegamos então, finalmente, a um momento importante de transição. Passamos do tratamento ao grupo para o tratamento à pessoa, na sua individualidade. São muitos os exemplos. Os protocolos genéricos da medicina, por exemplo, cederam espaço ao tratamento humanizado e personalizado. Na educação, a divisão era por idade, não importava o nível de conhecimento ou maturidade.

Vivemos até hoje a Idade Média das relações, sejam elas comerciais, pessoais, sociais. Enfrentamos a difícil missão de sermos avaliados enquanto pedaço de um todo e não enquanto o todo. Nossos dilemas, complexidades e tratamento sempre foram pensados a partir da média. Mas hoje vivemos um período de passagem bastante expressivo. Estamos saindo da Idade Média e ingressando na Idade Mídia, em que cada um de nós é um agente formador de opinião, gerador de conhecimento, um agente da mídia.

A partir de agora, cada um exerce um nível de influência social, por seus posicionamentos, por sua visão compartilhada, por suas opiniões. O comportamento social mudou drasticamente. E com ele, muda também a forma de condução da gestão, do marketing e da comunicação. Hoje, por exemplo, temos o Big Data e Analytics como grandes formuladores de perguntas, que nos abrem novas perspectivas e direcionamentos dos negócios. E a cada resposta que conseguimos formular, novas perguntas vão surgindo, em um ciclo infinito de possibilidades.

Esse status de valorização das per-

guntas e respostas cria uma nova definição para a complexidade do mundo e das relações. Ou seja, na Idade da Mídia, ao contrário do que foi vivenciado na Idade Média, a regra é ser diferente. Mas não estamos falando aqui em comportamentos rebeldes ou anarquistas, e sim em expressão e valorização da unicidade que existe em cada ser humano. E como isso será possível? Justamente por esse emaranhado de perguntas e respostas que buscam essa compreensão, a partir da coleta e da análise de dados.

Chegamos ao patamar de uma civilização completamente original, que decreta o fim do modelo instituído na Idade Média, quando os indivíduos excepcionais eram exceção. Estamos libertos da necessidade de se enquadrar na média, de apagar as nossas especificidades para simplesmente caber em um padrão preestabelecido. A tecnologia chega como esse instrumento eficiente de libertação, oferecendo ferramentas para o reconhecimento e valorização das individualidades. Estamos vivendo uma profunda revolução cultural, e agora ganhamos voz e reconhecimento para nossa história pessoal. ■

Walter Longo

Especialista em Inovação e
Transformação Digital.
Administrador de
Empresas, com Pós
Graduação na Universidade
da Califórnia;
Empreendedor digital,
palestrante internacional e
sócio-diretor da Unimark
Comunicação